

Entrevista com Luiza Bodenmüller e Luiza Caires | Módulo 2.mp4

[00:00:11] **Thiago Medaglia** Olá, sejam bem-vindos. Essa é a entrevista que acompanha o módulo 2 do curso de "Jornalismo Científico: da pandemia às alterações climáticas, como melhorar a cobertura de ciência". E hoje, eu tenho aqui comigo uma dupla de Luízas, duas jornalistas muito talentosas, com experiências distintas e que eu acho que vão trazer algumas vivências bastante complementares entre si para quem está acompanhando o curso. Vou agradecer a presença de vocês e pedir que vocês se apresentem, começando pela Luíza Caires, e depois a gente passa para Luísa Bodenmüller.

[00:00:51] **Luiza Caires** Oi, Thiago. Oi, Heloísa. Obrigada pelo convite. E eu sou editora de Ciências do Jornal da USP, que é um veículo voltado para a comunidade externa, não somente interna, para um público amplo, e na parte de Ciências a gente divulga principalmente resultados de pesquisas da universidade, como trabalha com essa comunicação da ciência da universidade. E atualmente também produz uma newsletter sobre conversas de ciências nas redes sociais, que é uma Colina, no núcleo de jornalismo, e também faço divulgação científica através dos meus perfis nas redes sociais, Twitter e Instagram.

[00:01:40] **Luiza Bodenmüller** Bom, eu sou Luiza Bodenmüller, hoje eu estou trabalhando no Meio, na newsletter eu trabalho com o engajamento da comunidade, e também no Insper, na faculdade, no programa de jornalismo, e também sou doutoranda na Fafich, na UFMG, onde eu estou estudando desinformação, o discurso de ódio, radicalização. Já trabalhei no Aos Fatos com desinformação, no terceiro setor, na Agência Pública. Então é um prazer estar aqui com vocês e vamos para conversa.

[00:02:09] **Thiago Medaglia** Legal, Luiza, obrigado pela presença de vocês duas. E acho que você finalizou, Luiza Bodenmüller, comentando sobre o seu doutorado, e acho que essa é uma pergunta interessante para quem está, por exemplo, querendo estudar e conciliar com a carreira de jornalista. Como é que você tem feito ultimamente?

[00:02:36] **Luiza Bodenmüller** Eu não tenho feito, rs. Não, brincadeira. É muito puxado, eu já fiz mestrado trabalhando, e agora o doutorado. Acho que existe uma falta de entendimento mesmo, por parte da academia, com pessoas que precisam trabalhar e estudar, e é muito difícil também encontrar vagas de emprego onde você consiga conciliar essas duas vidas, vamos dizer assim. Eu tive muita sorte, tanto no mestrado quanto agora no doutorado, de conseguir encontrar espaços onde eu possa trabalhar e ter essa liberdade de acompanhar as aulas e atividades acadêmicas. Mas não é fácil, é uma sobrecarga bem grande. Agora, o doutorado especificamente será muito mais puxado em volume de leitura e volume de trabalho. O nível de exigência que se tem é mais do que eu tive no mestrado, então está sendo um desafio. E, no meu caso, eu tive uma pandemia, nesse sentido foi positiva porque eu consegui fazer a seleção lá na UFMG que eu não conseguiria de outra forma, e que é uma pós-graduação super bem conceituada. Então tem sido difícil mas tem sido muito gratificante, eu estou aprendendo bastante.

[00:03:53] **Thiago Medaglia** Legal, bacana. É, porque um dos assuntos que a gente conversa, a gente aborda ao longo do curso, é esse do jornalista procurar aprofundar o conhecimento, a formação, não que necessariamente passe pela formação acadêmica, mas vale a pena. A gente, que tem buscado estudar e aprofundar o conhecimento, poder trazer este relato. E você está estudando desinformação. Um dos problemas que a gente tem hoje com relação a este assunto, o tema dessa entrevista é justamente

desinformação, negacionismo, a estrutura das redes sociais e a própria infraestrutura da internet, aqueles pontos que acabam favorecendo a propagação de notícias falsas, sobretudo agora das notícias deliberadamente falsas, onde há essa intenção de causar dúvida e de gerar confusão e de deixar as pessoas perdidas. Então o que você pode falar pra gente, um pouco desse aspecto da infraestrutura das redes sociais e da internet e o quanto isso corrobora com a desinformação?

[00:05:06] **Luiza Bodenmüller** Eu acho que a desinformação é um fenômeno bem complexo e dá pra gente atacá-lo por várias vias. Essa, da relevância das redes sociais na disseminação de uma ação, desse tipo de conteúdo, é uma delas. E hoje, acho que a gente já tem várias pesquisas que mostram isso. Várias reportagens que mostram isso, e vazamento de documentos internos também, que mostram como é que os algoritmos operam e como isso influencia na lógica e na dinâmica das redes. Então na semana passada mesmo teve aquela extensa reportagem do Wall Street Journal de alguns documentos internos do Facebook, falando sobre a mudança de algoritmo lá em 2017, 2018, onde eles estavam querendo transformá-la num ambiente mais de engajamento, que as pessoas voltassem a conversar entre si. E como isso, na verdade, foi um backlash porque acabou gerando um comportamento mais raivoso, onde as opiniões são muito mais exacerbadas. Não tem um diálogo, e como é que isso acabou tendo o efeito reverso do que eles pretendiam. Então quando a gente pensa em conteúdo informativo, ele já é construído de uma forma que vai alimentar justamente esses pontos do algoritmo, que vai aumentar a relevância dele no contexto da timeline. Então são conteúdos que vão apelar muito para a emoção. São conteúdos que vão gerar muito engajamento, porque como ele apela para a emoção, as pessoas vão querer se manifestar e por aí vai. São chamativos. Se você for pensar em WhatsApp, corrente de Whatsapp em geral é muito direcionada para a pessoa, ou os áudios, então "eu sou aqui o Luiz, eu estou aqui para passando esse áudio pra vocês porque eu acho que é importante falar sobre tal". E aí quando tem essa coisa de se sentir ouvido e essa pessoa está falando comigo também, acaba gerando um maior engajamento. Então acho que tem toda uma estrutura, não só dos algoritmos da rede, mas como essas mensagens informativas são construídas de forma a potencializar, a usar esse algoritmo a favor da disseminação.

[00:07:13] **Thiago Medaglia** Perfeito, perfeito. E aí é interessante porque você já deu algumas dicas preciosas para repórteres. E entender esse contexto é muito importante. Eu acho que todo jornalista que é atuante nas redes sociais, seja muito atuante ou não, tenha milhares ou milhões de seguidores ou não, já se sentiu em algum momento enxugando gelo. Você tem essa sensação, Luiz Caires, você que é uma jornalista super atuante nas redes, tem muitos seguidores? Eu tenho certeza que você tem cases de sucesso para compartilhar, você de fato informou muita gente durante a pandemia, a gente estava conversando, elogiando seu trabalho aqui antes de começar. Mas você tem essa sensação, às vezes, porque o jornalista ali, como uma peça na engrenagem de um ambiente que tem problemas de infraestrutura, é difícil.

[00:08:18] **Luiza Caires** Olha, eu só tive essa sensação algumas vezes, foram poucas. Procurei não me concentrar muito nisso porque ela acaba atrapalhando, na verdade, nosso trabalho. Ou eu procuro me focar no que eu posso fazer, nas pessoas que eu posso atingir com informações de qualidade. Então vamos dizer que eu faço principalmente no Twitter, no Instagram também, onde eu tenho mais seguidores é no Twitter, falando de Ciências, fazendo esclarecimentos ou trazendo pesquisas novas. Se eu consigo falar com poucas pessoas no Twitter, relativamente poucos, ainda que sejam dezenas de milhares, mas em quantas vai chegar a informação, né, já vai diminuindo, e eu procuro tentar pensar que essa pessoa que está informada, ela vai de alguma maneira

conseguir reproduzir isso e vai conseguir multiplicar isso. Sem ficar focando assim, eu estou enxugando gelo. Acho que é a mesma coisa, que talvez a outra Luíza possa comentar mais, em relação às agências de checagem, porque se não você não trabalha, né. Porque a gente agora tem que conviver com um ambiente de informação que chegou para ficar. Apesar de a gente ainda está aprendendo a lidar, a impressão que eu tenho é que é assim, é um novo cenário. Pode ser que tenha algumas mudanças ainda, mas é um cenário que a gente vai viver por muitos anos. Então, essa sensação, realmente não me concentro nisso. Mas eu acho que dá para fazer coisas legais na atuação nas redes sociais. E saiu recentemente, no estudo do Volt Data Lab, que mostrou que, por exemplo, para um tema específico, o uso de máscaras de maior qualidade, que são as PFF2, o debate da comunidade científica e da divulgação científica - apesar de não ser cientista, também estou no meio desse espaço, faço divulgação científica, primeiramente jornalismo científico, mas é exploração científica - ele acabou ele acabou saindo um pouco da bolha do Twitter. Eu não vou ficar mensurando isso, pensar assim, "po, atingiu a classe média", teve uma parte da classe média, uma parte da elite, mas é alguma coisa. A pesquisa mostrou que esse é, por exemplo, um dos indícios de que isso conseguiu furar um pouco a bolha, não necessariamente foi por isso, mas é um indício que no Google Trends eu acompanhava, quando o debate ficava mais forte sobre esse tema, quando esse tema aparecia mais no Twitter, no Google Trends também aumentaram as buscas por esses termos, PFF2 e N95. Então esse é um caso em que talvez a contribuição que você acha "po, to falando para pouca gente, toda hora surge desinformação, pessoal não quer saber", fez algum efeito, ainda que limitado, fez algum efeito.

[00:11:37] **Luiza Bodenmüller** Então só pegando o gancho do que a Luiza falou, acho que tem um ponto importante, pensando do ponto de vista do jornalista que não é um jornalista especializado em divulgação científica, mas que está nesse cenário novo que a Luiza estava comentando, que é um cenário que é cheio de armadilhas, como o jornalismo profissional pode contribuir para esse ambiente desinformativo também, né. No Aos Fatos eu fiz algumas matérias sobre isso, de como, por exemplo, a escolha de fontes, especialmente no televisivo, acaba dando uma exposição para leituras e visões, sobre a pandemia especificamente, as matérias falam sobre a pandemia, que tem a ver com a desinformação e que não são informações legítimas. Então, de novo, pensando a partir do ponto de vista desse jornalista, acho que o foco é na escolha de fontes. Então aquela fonte que você está escolhendo é a pessoa mais indicada a falar sobre isso, aquela base de dados que você está consultando é uma base de dados fiel? Se você não consegue consultar essa base de dados, chama ajuda, vamos checar e checar. Todo cuidado é pouco, então acho que é mais do que apurar, editar e publicar. Ficar muito atento às armadilhas que a gente pode cair durante esse processo de apuração e de edição é sempre contar com a ajuda de colegas e boas fontes. Acho que a fonte para mim é um ponto muito central nesse cenário de desinformação.

[00:13:06] **Thiago Medaglia** Fantástico. Você sente isso também, Luiza Caires, sendo uma jornalista especializada em ciência? Porque acho que eu, como trabalho com o meio ambiente e ciência também, a gente tem essa percepção, às vezes, de ver em uma reportagem aquele velho problema das falsas equivalências, os programas de TV chamarem para debate um especialista e um não especialista para falar de um tema científico. Um dos temas que a gente aborda no curso que é a questão do critério na hora de escolher as fontes e o quanto o jornalismo pode corroborar para a desinformação. A gente não está aqui para apontar dedos. O jornalismo tem feito um trabalho fantástico na pandemia, além das suas obrigações inclusive pela omissão do governo. Mas é claro que a gente faz críticas construtivas mesmo, e um dos problemas é às vezes a falta de critério

para escolher fontes e, por exemplo, a questão da falsa equivalência, de contrapor um especialista com um não especialista num determinado assunto, como se eles ocupassem um mesmo lugar de fala, e que infelizmente não é verdade. Você percebe isso na cobertura da grande imprensa?

[00:14:43] **Luiza Caires** Sim, eu percebo. Eu acho que no jornalismo de ciências, como em qualquer vertente do jornalismo, cultivar as fontes é muito importante. Então assim, eu tenho as minhas fontes confiáveis, às vezes, para só fazer uma pergunta, para não cair em roubada. Tem a questão também dos nomes das instituições, às vezes as pessoas estão associadas às instituições que têm nomes tradicionais e só por isso talvez elas sejam alçadas e sejam consideradas como fontes. Então o que eu vi, por exemplo em relação à pandemia, é que muita gente acabava chamando o médico para comentar qualquer assunto em relação à pandemia. E se para os cientistas já é complicado, para eles dentro da área deles, estar atualizado - na verdade tem informações que a ciência ainda nem chegou à uma conclusão - às vezes para o médico é mais difícil ainda, porque o médico que não trabalha com pesquisa está em outro front, e aí então o que ele vai fazer é seguir os guidelines, por exemplo, que grandes instituições fizeram, como Hospital Albert Einstein, o próprio HC, sobre como você conduzir o tratamento de pacientes com Covid, por exemplo. Mas isso demora um pouco a chegar para eles. Então o que acontece, às vezes, a mídia coloca esse pessoal para falar e eles estão desatualizados dos últimos consensos, porque demora um tempo até aquilo chegar nele. É complicada essa questão, essa confusão de fonte médica com fonte científica, não é que o cientista vai saber responder tudo também, ele vai saber responder da área dele. É a questão que você falou também de, às vezes a gente cai em armadilha de pegar a fonte que está indo contra os conceitos científicos, e não que assim haja um debate dentro da própria ciência. O ceticismo, dentro da própria ciência, é saudável, mas assim quando a gente vai chegar para a comunicação para o público, a gente precisa chegar com a informação o mais atualizada e conceituada possível. Pode ser que mude? Pode, mas até aqui é isso, a ciência chegou à esta conclusão. Talvez não seja o momento de trazer o cara que discorde, tenha suas ideias. A comunicação para a saúde envolve muito mais do que você levar a boas histórias, quais são as disputas que estão acontecendo no meio etc, o que, às vezes, no jornalismo é isso mesmo que você quer, né.

[00:18:03] **Thiago Medaglia** Você falou de alguns pontos bem interessantes agora. Acho que algumas distinções que são importantes para o repórter que de repente cai de pára quedas na cobertura de ciência, que é entender que médico não é cientista, pode acontecer de um cientista ser também médico, mas não necessariamente um médico é cientista. Tem uma questão que eu acho muito importante, que eu gostaria de ouvir a vocês a respeito, que é na questão do trato com as fontes na ciência, seja na checagem de notícias ou seja na cobertura científica mesmo, porque durante a pandemia a gente viveu um momento assim. Por tudo o que está acontecendo no Brasil, o cenário político, a gente viveu um momento de enaltecimento da ciência e dos cientistas, mas a gente tem que lembrar aos repórteres que cientista não é Deus e precisa ser tratado como mais uma fonte. Então por mais incrível que seja o currículo daquela pesquisadora, daquele pesquisador, eles têm que apresentar evidências do que eles estão falando, sobre o assunto que eles estão abordando. Então vocês teriam recomendações para lidar com quem, nesse sentido, para lidar com cientistas na apuração, nas entrevistas? Além do cuidado na hora do critério para a escolha, o cuidado na própria apuração.

[00:20:06] **Luiza Bodenmüller** Acho que, primeiro, não tem que ter vergonha de perguntar, se o jornalista acaba transitando por várias áreas, a gente não necessariamente é especialista em alguma área, não é de agora. Na pandemia, todo

mundo virou repórter de saúde. Recentemente teve um texto que falou que todo mundo vai eventualmente virar repórter de clima, por exemplo. Então, como a gente não tem necessariamente tempo para se aprofundar nos estudos, nem avançar nos estudos e nos últimos artigos e etc, ensaios sobre o tema, acho que quando se consulta a fonte, você não tem que ter vergonha de perguntar até a pergunta que aparentemente é mais besta, é até mais completo, porque é dali que se vai extrair a informação que precisa para passar para o teu público. Então acho que uma das coisas que também são muito relevantes sobre falar sobre ciência é falar sobre incerteza de alguma forma, e de fazer jornalismo sobre incerteza. É uma coisa muito difícil porque as pessoas abrem o jornal para entender o que está acontecendo no mundo. Então, esses dias eu estava vendo matérias sobre esse lote da Coronavac que foi retido, tinha lá, veja o que se sabe, e na verdade se sabe muito pouco, não tem um protocolo sobre o que vai ser feito, ninguém sabe se vai ter que tomar vacina de novo não, como é que vai ser esse monitoramento. Então comunicar a incerteza é muito difícil. Nessas horas, acho que extrair o máximo de informação dos especialistas e depois conseguir traduzir isso de uma forma que seja inteligível para quem não é especialista, acho que é a chave.

[00:21:38] **Luiza Caires** Vou falar de duas coisas, provavelmente você deve estar falando já ao longo do curso, mas que eu acho importante ressaltar ao lidar com qualquer fonte, é você confiar, desconfiando. Você mantém a postura de jornalista, não é você ter uma postura de animosidade, você não está ali fazendo uma entrevista com o político de quem você quer tirar a informação. Não é, aquele é um relacionamento um pouco diferente para qualquer que seja. A gente geralmente considera que a gente está falando com o parceiro de trabalho, principalmente o trabalho lá na universidade. Acho que os dois, tanto a fonte como eu, queremos construir uma notícia, uma reportagem, que traga alguma coisa para quem está lendo, uma coisa importante para quem está lendo. Mas tomar cuidado com, por exemplo, pré-print e press-release. O press-release, obviamente, vai ressaltar as informações que ele vai vender, é uma coisa que está vendendo. O press-release pode ajudar bastante o repórter de Ciências a saber o que é importante naquele artigo e tal, mas também tem que desconfiar um pouco, de preferências falar com as fontes amigas, aquelas não vão sair na matéria, você bater um papo antes. Tomar cuidado com números que são vendidos, "têm não sei quantos por cento de melhora". Quantos por cento de melhora em relação ao que? Ao grupo que não tomou nada? E as pessoas que iam melhorar sem fazer nada? É a coisa da estatística. E eu tenho dificuldade com matemática, como a maioria das pessoas de humanas, mas o repórter de ciência tem saber alguma coisa de estatística. Ou então pelo menos saber para quem perguntar. E em relação aos pré-prints é a mesma coisa, "às vezes os pré-prints são publicados porque aquela pessoa quer demarcar território ali, eu publiquei primeiro". Os pesquisadores têm os interesses deles também, não é aquela pessoa malévola, ele tem os interesses dele de promover o trabalho dele ou de fazer o trabalho dele, às vezes engrandecer um pouquinho mais do que ele é, né. Então tem que ter a mesma desconfiança, mas não é criar uma real uma relação de animosidade entre você e a fonte, é ter um pouquinho de malícia também, mantém a malícia quando você está falando com a fonte científica a mesma malícia que você tem que manter para falar com qualquer outro tipo de fonte.

[00:25:03] **Luiza Bodenmüller** E só complementando, eu acho que tem algumas coberturas de Ciência, e acho que a Covid é um caso, que é possível gerar conteúdo de cauda longa que a gente chama, e que seria aquele esquema "o que já se sabe o que ainda falta ser respondido". Então acho que tem um ponto central aí, que é o tempo da ciência, é muito diferente do tempo do jornalismo. Então a ciência precisa de tempo para encontrar alguns tipos de respostas enquanto o jornalismo é muito do agora, do

imediatismo etc. Então criar este tipo de conteúdo que vai ser alimentado ao longo do tempo e ter essa noção de que o conhecimento vai ser construído em cima de alguma coisa também pode ser uma estratégia que pode ajudar a diminuir ansiedades.

[00:25:44] **Luiza Caires** Tem vacina que até hoje não tem resultado publicado. Então se tivesse pelo menos um pré-print já seria melhor. Pré-print não é um vilão sempre, né. Tem que saber abordar.

[00:26:00] **Thiago Medaglia** Perfeito. Ter critério na hora de analisar o pré-print, confrontar com outros estudos, com entrevistas, com cientistas que não sejam autores do estudo, Ter critério no uso do pré-print e não simplesmente descartar como se não fosse útil. Os primeiros estudos que saíram sobre o Sars-Cov-2, o vírus que causa a Covid-19, eram todos pré-prints, e a gente foi aos poucos agregando informação. Então, Luíza Bodenmüller, você estava gostaria de complementar?

[00:26:40] **Luiza Bodenmüller** Não, não, só falei que no início da pandemia foi uma praga, que todo mundo foi só publicando sobre o pré-print sem entender direito o que era.

[00:26:48] **Luiza Caires** O pessoal realmente não entendia o que era pré-print e até falava "publicado na Lancet", mas aí na verdade era publicado na plataforma de pré-print da Lancet, que não tem nada a ver, não significa que você teve algum controle editorial. Até tenho um controle mínimo, mas é um controle bem mínimo.

[00:27:16] **Thiago Medaglia** Exato. Acho que por conta das circunstâncias, digamos assim, o mundo leigo foi apresentado aos pré-prints, que já existiam mas em volume muito menor, a pandemia também acelerou a produção de pré prints em um nível que nunca tinha acontecido, e eu acho que esse é um assunto interessante de tentar entender, Quais são as mudanças que vieram para ficar com a pandemia que impactaram a nossa profissão. Vocês acham que na relação ,no Brasil especificamente, mas certamente as lições - porque a audiência do curso é internacional, então certamente algumas das lições que a gente pode compartilhar do Brasil ou reflexões não precisam ser conclusões - elas são úteis em outros ambientes também na relação do jornalista com a desinformação, com o negacionismo. Vocês notam ou ainda está muito cedo ou vocês notaram algumas mudanças que aconteceram aqui, vocês acham que talvez vão perdurar?

[00:28:30] **Luiza Bodenmüller** Eu não acho que tenha começado com a pandemia, mas acho que a pandemia deixou isso muito claro. A questão da crise de confiança no jornalismo não é porque, na minha leitura, que a gente vê em relação à desinformação, não é falta de informação, as pessoas têm muita informação o tempo inteiro. É muito fácil achar informação, mas o que a gente tem é a falta de confiança na fonte dessa informação. Então acho que uma das coisas que a pandemia deixou muito clara, essa necessidade do jornalista conseguir criar uma relação de confiança com a audiência. Os veículos também. E como isso é completamente desafiador, porque a gente está lidando especialmente com um ambiente de redes sociais onde tem a famosa polarização, e também tem bastante discurso de ódio circulando, bastante ataque. De vez em quando, dá um pouco de preguiça e vontade de desistir mesmo, e eu super entendo quem tem esse tipo de sentimento diante de seu trabalho. Mas acho que é o momento da gente abdicar de algumas certezas para tentar construir esses laços de confiança. Então assim, primeiro acho que quem dissemina desinformação e etc não é um bloco monolítico, não é. Como eu falei antes, o próprio jornalismo profissional pode cair na pegadinha da desinformação de vez em quando. Então entender essa complexidade é importante para

saber que a solução também é complexa. Não há a checagem de fatos que vai resolver a desinformação. Não é a retirada de conteúdo do ar nas redes sociais que vai resolver a desinformação. É um conjunto de ações e o jornalista faz parte desse conjunto de ações. Então refletir sobre o seu papel diante disso é importante, especialmente para criar esse vínculo de confiança, que leva tempo, dá trabalho, mas no final das contas tem um resultado que é muito mais duradouro do que pílulas e curas milagrosas. Não é que água morna com vinagre vai resolver a desinformação, assim como não é isso que vai resolver a Covid também.

[00:30:59] **Luiza Caires** Eu acho que a gente tem que sempre respeitar o público, não considerar o público como inimigo, por mais que muitas vezes o público nos ataca, o público nos ataca mas não nos ataca pessoalmente. Às vezes, claro, tem muita gente que é robô e que está promovendo ataques em massa, é outra coisa. Mas a gente tem que também dar um passo atrás e tentar entender de onde vem esse sentimento, às vezes de desconfiança, em relação à imprensa no geral. E se alguém da gente responder ataque com outro ataque, eu não sei se vai ser muito produtivo, em longo prazo pelo menos, para tentar aliviar a tensão no momento. Manter a transparência sempre, errou, tem exemplos aí de veículos que cometeram erros durante a pandemia, volta atrás mostra, isso é um marcador muito grande de confiança. Um dos exemplos, mostra como o seu trabalho é feito. E também estar consciente de que você está num ambiente e o jornalista também. A imprensa, de uma maneira geral, também tem que tomar cuidado não só para combater a desinformação, mas não se tornar veículo de desinformação com algumas barricadas que acontecem, porque eu acho que tem aquela coisa de que apesar da imprensa ter perdido um pouco do poder, do status, ainda assim, se uma coisa sai na imprensa, é um sinal validador daquilo. Então tem que tomar cuidado com o contexto geopolítico, por exemplo, a questão das vacinas, interesse econômico, o que interessa, por exemplo, que as grandes produtoras de vacina têm em mostrar que de repente o concorrente não é tão bom assim, né. Muita muita coisa saía e a gente via direto, até as pessoas que faziam essa comparação e faziam as ações na bolsa de uma farmacêutica quando sai uma notícia em relação a uma vacina, né, aquelas flutuações. Então tem que tomar muito cuidado com isso, às vezes a gente importa a história da imprensa estrangeira, que não foi a gente que a apurou e que fica aquela coisa de jornal disse. Então tem que tomar muito cuidado para não entrar nessas roubadas, mas acho que acho que é por aí.

[00:33:34] **Luiza Bodenmüller** Eu acho que eu sempre fico pensando numa imagem mental do que seria essa relação do jornalista com suas audiências e acho que, no caso de jornalismo de ciências no contexto da pandemia, acho que a hora que a gente ver as nossas audiências como aquele meme da Nazaré refletindo, porque a ideia é que a gente faça as pessoas pensarem sobre o que elas estão lendo, muito mais do que dizer é isso, é desta forma, é criar provocações ali e gerar dúvidas mesmo, no sentido saudável para que a pessoa comece a pensar por si própria. Então nesse ambiente de desinformação, a gente percebe muita coisa que é dada como pronta e que acaba batendo em nossas crenças, no nosso viés etc. E aí tem muito pouco espaço para questionar, e para duvidar, e parar para refletir. Então acho que o papel de jornalista nesse contexto é promover essa reflexão, e aí passa por fazer perguntas como a Luiza falou, não taxar audiência como burra, como ignorante, como "Meu Deus, como é que eles não entendem isso?". É criar outras vias de acesso à essa pessoa que está resistente à informação e que, de forma alguma passa por bater de frente, é pelas brechas que a gente vai encontrar esse caminho de como acessar, porque no final das contas a gente está lidando com medo do outro. Então como a gente contra essa brecha pra ir navegando e desconstruir esse medo da pessoa.

[00:35:12] **Luiza Caires** Eu acho que a desinformação também é geradora de pautas pra gente. Não é só para a agência de checagem, que vai pegar os boatos que estão sendo espalhados. Eu acho que podem surgir pautas daí porque, às vezes, a desinformação surge porque ela tem ressonância numa crença que as pessoas podem ter, aquilo pode soar verdadeiro por causa de outras coisas que ela considera verdadeira. E daí surge uma pauta boa, não necessariamente para combater aquela desinformação, mas para esclarecer sobre um assunto que gera confusão.

[00:35:54] **Thiago Medaglia** Perfeito. Ou seja, existe um processo quase que de reeducação das pessoas para consumirem notícia. Acho que as pessoas entenderem que é um processo ativo o consumo de notícias, porque algumas frases no Brasil, generalistas, acabam atrapalhando muito mais do que ajudando. Certamente frases como "Não dá para confiar na grande mídia" ou "político é tudo tudo corrupto" ou "juiz ladrão" ou "policial é bandido, são generalismos. Claro, muito diferentes entre si, mas que eu acho que a gente tem que começar a atentar para eles e descer nessa conversa mais direta com as pessoas e ajudar as pessoas a entenderem que é um processo ativo, você participa daquilo ao consumir notícia, ao escolher os canais que você acompanha, e o questionamento é muito importante. Mas a partir de um ponto, onde aquele questionamento de fato vem de uma dúvida real, e você está disposto a ouvir, porque se você não estiver disposto a ouvir, aí fica difícil. Então acho que esse passo no jornalismo, para a gente ouvir o que está vindo da audiência é muito importante, e o ambiente das redes às vezes não favorece isso, favorece um antagonismo e aí entra uma outra questão, que cientistas muitas vezes não estão preparados para lidar com com isso, para lidar com o público. O cientista não lida com o público e de repente os cientistas estão super expostos nas redes, e sendo atacados, e tendo essa dificuldade de comunicar e lidar com as pessoas. Não que a gente tenha alguma especialização nisso, mas a gente lida com o público desde o começo da nossa profissão, da nossa carreira. Então para esse desafio extra vocês teriam alguma recomendação para repórteres que estão começando, vocês já passaram várias recomendações aqui, mas para repórteres que estão começando. A gente falou muito disso hoje, nós três aqui, nessa construção de relacionamento com a fonte e com a audiência também, vocês teriam algumas recomendações finais para os repórteres que estão começando em ciência para essa questão do relacionamento?

[00:38:22] **Luiza Caires** Em relação às redes sociais, eu acho que apesar de ser meio óbvio, às vezes não é tão óbvio assim, porque às vezes é irresistível não bater boca com a audiência ou com quem está contrapondo o que você está informando. Se você acha que não vale a pena, simplesmente ignora. Ou se a pessoa está argumentando, contra-argumentar de uma maneira neutra e objetiva. Eu falo que não é óbvio porque muitas vezes a tentação de ser irônico, sarcástico, coisa que eu já fiz, já apaguei, porque a gente fala "não, é melhor não". Ou você entra numa discussão, e eu tento evitar discussões, a não ser que sejam dúvidas genuínas. Ou você entra numa discussão com argumentos, aí você encara a persona institucional. Eu sou um jornalista falando, eu não sou a Luíza, que está aqui, uma pessoa está enchendo meu saco, não. Ou você encarna isso, ou se você não está afim, não faça também, né. Acho que é importante a gente pensar também que a gente está fazendo um serviço público, né. Mas a gente tem uma individualidade também, tem que ser respeitada para se preservar também, né. Eventualmente você vai fazer uma matéria que vai repercutir bastante e eventualmente vai vir muita gente te atacar. Inclusive já aconteceu parecido comigo, ataques para uma postagem que eu fiz, geralmente são coisas que cutucam a bolha dos robôs ali. Então aí vem muita gente, é melhor não olhar, sinceramente. A gente também precisa se preservar para continuar, se quiser continuar participando das redes, ou você sai da raiz, né. Também é uma opção,

mas se você quer se preservar, eu acho que acho que é melhor. Às vezes é melhor não entrar nessa aí.

[00:40:22] **Luiza Bodenmüller** Acho que além disso, para mim, o sentido mais importante para o jornalista é a audiência, a gente tem que aprender e reaprender constantemente a ouvir. Isso vale tanto para selar uma entrevista que você vai fazer com alguém que passou por um trauma, até chegar à forma como você vai apresentar para ele como ele estava falando antes. E aí isso também passa por ouvir todos os lados, e não no sentido apenas de fonte, mas também ouvir a audiência e ouvir teus colegas, ouvir quem é o teu editor etc. Perder um pouco da postura arrogante que jornalista tende a ter, é ser um pouco humilde diante do desconhecido. Esse desconhecido pode ser tanto assunto que eu estou tratando, como de conhecer como lidar com a audiência. Não é todo mundo que tem essa habilidade, de colocar a audiência no seu processo, e acho que isso é uma falha do jornalismo como um todo, porque a gente parte do pressuposto que quem está nos lendo entende o que é o processo jornalístico, de apuração, edição etc. E não é assim. Então formas de lidar com isso, e por meio da transparência do processo, que é um pouco que a Luíza falou antes, "eu errei, assumo que errei e coloco a correção", por exemplo, e tal. Mas é tentar incluir mais audiência nesse processo e estabelecer vínculos, tanto com as fontes, com os colegas, com especialistas, ou com sei lá jornalistas de dados, se você não é muito familiarizado com dados, e por aí vai.

[00:41:56] **Luiza Caires** E isso é muito verdade, as pessoas de fora do jornalismo não sabem como funciona o jornalismo. Apesar de a nossa profissão ser relativamente simples comparada à profissões técnicas, as pessoas não sabem como funciona, não parta desse pressuposto, nem os cientistas. Também não acho que a cientista vai facilmente entender o que você quer com uma matéria. Então tentar, às vezes, antes de começar a entrevista, explicar o que você quer com a matéria, porque senão ele vai para o outro lado que não era lá o que você queria, e depois ele vai ver o resultado, ele vai ficar um pouco frustrado também. Seja claro nas suas intenções, tanto com a fonte quanto com a audiência.

[00:42:48] **Luiza Bodenmüller** E acho que isso tem um milhão de reflexos, mas um deles é esse desconhecimento das pessoas sobre o processo jornalístico, é desconhecer o que é uma notícia. Então a gente vê várias pesquisas, especialmente a do Reuters Institute sobre confiança das notícias etc, e que essas perguntas são aplicadas de um jeito "quanto você confia na notícia do veículo X?", mas o que é notícia? Então se eu só consumo um tipo de notícia que vem desses sites desinformativos, ou eu estou numa cidade muito pequena e o jornalismo local é uma página de Facebook, aquilo é notícia para mim. Qual o tipo de distorção do resultado que isso representa? Então a gente também deveria ter esse papel quase pedagógico de ensinar para as audiências o que é uma notícia, o que diferencia uma informação factualmente correta da informação que deve ser questionada e por aí vai. Então é bem complexo e eu sei que isso é um baita desafio para qualquer jornalista. E parece que da forma que está agora, a gente tem que fazer isso também, não é só ter isso em mente na hora de escrever. E não é que isso vá necessariamente transformar o teu trabalho, mas acho que tem de ter essa ideia da complexidade, do fenômeno que é fazer jornalismo no mundo de hoje. Com todas essas coisas, complicadores, que a gente tá falando aqui, de negacionismo, desinformação, algoritmos etc. É essencial para fazer o trabalho bem feito.

[00:44:15] **Thiago Medaglia** Perfeito. Somos comunicadores em um mundo em crise, é importante a gente lembrar disso. Eu só vou fazer duas ressalvas aqui. Uma que, tudo isso que a gente está falando de tentar amenizar essa relação com a audiência, ouvir,

ignorar os ataques, é claro que tudo isso tem um limite. Existem crimes que acontecem nas redes sociais e se você jornalista se sentir vítima de um ataque que chegue a esse nível, você tem que procurar os seus direitos. Cada um sabe onde é que te aperta. Então existem caminhos para isso, só fazer essa ressalva. E na relação com os cientistas, eu faria uma outra ressalva, porque é diferente entrevistar um político que você está ali querendo entender, e que ele fale sobre como o dinheiro público foi gasto, e você entrevistar um cientista que está publicando um estudo que foi feito após anos de dedicação em prol da humanidade, digamos assim. Mas existe vaidade na ciência, existem controvérsias. Por exemplo, no financiamento de estudos, ou mesmo às vezes na prática de alguns experimentos que são controversos pela própria natureza ou pela execução. Então se o jornalista, se o repórter sentir que tem que apertar o cientista, tem que apertar, faz parte. A gente constrói essa relação. Eu sou amigo de alguns cientistas e de algumas cientistas, mas a gente sabe separar as coisas. Se precisar colocar na parede, a gente vai fazer, porque a gente está ali em nome do público e não em nome do ou da cientista. Então só faria essa ressalva. Se vocês quiserem complementar essa fala, fiquem à vontade. Eu só queria fazer uma pergunta para a Luiza Bodenmüller, que é uma curiosidade que eu tenho na checagem de notícias, se existem diferenças essenciais entre você estar fazendo o processo de checagem de uma notícia que não tem nada a ver com ciência, ou de uma notícia que esbarra no científico? Ou seja, por exemplo sobre alterações climáticas, ou pandemia, ou desmatamento da Amazônia, e assuntos assim.

[00:46:34] **Luiza Bodenmüller** Eu acho que ganha um grau de complexidade maior do que sei lá, uma foto de uma manifestação que foi distorcida ali para dar a impressão que teve mais gente, especialmente no contexto da pandemia. As informações mudam muito rápido, então se você pegar, o próprio Drauzio Varella caiu nessa armadilha de ter um vídeo do início da pandemia onde ele falava que não era bem assim, que não ia ter tanto, não precisava ter tanta preocupação. E cá estamos. Então nesse contexto em que as informações mudam muito rápido, acho que também tem esse agravante de precisar sinalizar, por exemplo, que aquela checagem foi feita a X tempos, e se houver algum erro muito grotesco, de correção também. Mas em termos de apuração, acho que também ganha uma complexidade, que é essa de no mínimo precisar consultar mais fontes. Esse exemplo que eu falei, da foto de manifestação, é muito simples checar, mas aí de checar informações que são muito técnicas etc. precisa de mais tempo, isso também é um dificultador, porque enquanto esse tempo está correndo, de apuração, a desinformação está lá circulando. Então vamos lá, é uma corrida bem desigual também, acho que é isso, sim.

[00:47:50] **Thiago Medaglia** Perfeito. Bom, a gente caminha para o final, queria deixar vocês à vontade para fazerem comentários finais, observações finais. Antes de a gente terminar, eu também faria outra ressalva, retomando um ponto que Luiza Caires falou, sobre às vezes as redes importam, ou o próprio jornalismo importa conteúdos que vêm de fora do Brasil, é uma tendência. Acho que dá para chamar de tendência, mas algo que eu como jornalista de Meio Ambiente, que tenho frequentado desde 2015 os Estados Unidos para estudar, mas a minha atuação profissional é no Brasil, então eu tenho acompanhado, eu posso dizer que a gente vai começar a ver com mais frequência, com maior frequência algumas coisas no Brasil, relacionadas à desinformação e alterações climáticas, porque o jornalismo brasileiro está ainda, na minha opinião, há jornalistas que discordam, mas na minha opinião a gente está engatinhando, e cobertura de clima de crise climática a gente vai começar a avançar nesse ponto daqui em diante, vai ser um assunto mais frequente, menos de nicho, e a gente vai ver alguns algumas ferramentas de desinformação que são muito comuns e já conhecidas nos Estados Unidos, como a promessa de que o mercado resolve, ou de que a tecnologia vai salvar, e os cientistas da

área inclusive os engenheiros do MIT, levam as alterações climáticas sabem muito a sério, e sabem que a solução não passa simplesmente por tecnologia, passa por mudança de paradigma estrutural mesmo, de consumo e de relação com o mundo natural. Então a gente vai ver isso bastante e é um alerta que eu deixo aqui. Essa seria a minha consideração final. Quero agradecer muito vocês duas, acho que foi uma conversa muito rica e que trouxe muitas muitas sugestões, muitas dicas, e muitas ferramentas, bem práticas e bem interessantes para o dia-a-dia dos jornalistas que estão acompanhando o curso. E aí eu agradeço e me despeço de vocês, e deixo o microfone virtual para vocês se pronunciarem e fazerem as observações finais.

[00:50:11] **Luiza Caires** Bom, obrigada. Espero que tenha sido proveitoso para todo mundo que assistiu. Só finalizo, já que você tocou no assunto em relação ao que a gente vai importar ainda de coisas ruins, a questão do conspiracionismo, que não era tão forte aqui no Brasil, tem cheiro forte também, né, gente. Antes se impressionava com o que acontecia nos Estados Unidos, e está em casa agora. Mas, enfim, eu acho que os jornalistas, nesse sentido, devem também tomar cuidado com a venda, às vezes, de resultados, de pesquisas que tragam soluções que não são soluções. Eu vou dar um exemplo. Eu coloquei outro dia no Twitter uma notícia sobre uma pesquisa que desenvolveu uma maneira de treinar as vacas para fazer xixi no tapete. Isso é assim é um paliativo do paliativo do paliativo. A gente tem que tocar no que importa de verdade, que é isso que você falou da mudança de paradigma. Não dá pra gente imaginar que a pecuária do jeito que ela é feita hoje possa continuar com alguns alguns ajustezinhos, criar banheiro pra pra vaca, por exemplo. E assim fica essa coisa pra gente também tomar cuidado, porque essas coisas são absolutamente vendáveis, tecnologias que prometem corrigir coisas como o aquecimento global. Então é bom o seu alerta, a gente também fica mais esperto. Então é isso, gente. Obrigadão.

[00:52:05] **Luiza Bodenmüller** Quanto a mim, agradeço muito o convite. Acho que o papo foi ótimo, gostei de participar, e espero que vocês gostem tanto de ouvir quanto eu gostei de participar. E só complementando o que vocês estão falando, acho que ter esse olhar decolonial sobre o jornalismo que a gente faz também é muito potente, e acho que a pandemia trouxe um pouco disso também. Então a gente começou a olhar mais para as cabeças brasileiras. A gente tem uma série de cientistas que começaram a se destacar nas redes com divulgação científica e tudo mais. Mas acho que também rolou esse sentimento de valorização da ciência brasileira mesmo, apesar de todos os percalços, falta de investimento, e tudo isso que a gente sabe né. Meu desejo é que isso perdure. Então quando esse material importado começar a chegar por aqui, que a gente recorra a nossos cientistas para dar respostas a isso, não necessariamente sempre achar que o que vem de fora é o melhor porque não é bem assim.

[00:53:01] **Thiago Medaglia** Perfeita, perfeita. Excelente. Gente, muito obrigado, um abraço para vocês. Bom trabalho e a gente se vê.